

MULHER E IMPRENSA: AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DE MARIA DO CÉU PEREIRA FERNANDES (DÉCADA DE 1930)

Isabel Cristine Machado de Carvalho • Professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UnP); Mestre em Educação (UFRN); E-mail: isabelcristine@unp.br

Envio em: Junho de 2013

Aceite em: Julho de 2013

RESUMO: Esta pesquisa tem como objeto de estudo a contribuição de Maria do Céu Pereira Fernandes na imprensa norte-rio-grandense, na década de 1930. Contribuição essa identificada por meio dos seus escritos no jornal O Galvanópolis. Justificamos a escolha da década de 1930 porque é nesse período que encontramos vestígios de sua atuação. Utilizamos como fonte os registros históricos encontrados nos livros e jornais da época, dentre os quais, destacamos a coleção completa de O Galvanópolis. Na condição de diretora do jornal, ela percebe a movimentação na cidade, escreve sobre assuntos que estão na ordem do dia e promove a educação e a formação de opinião de seus leitores. Através de suas práticas de escrita é possível mostrar à contemporaneidade as marcas de uma época, além de trazer à tona a participação feminina na história da imprensa brasileira.

Palavras-chave: Mulheres jornalistas. Práticas de escrita. Imprensa. Rio Grande do Norte.

WOMEN AND THE PRESS: THE JOURNALISTIC PRACTICES OF MARIA DO CEU PEREIRA FERNANDES (1930)

ABSTRACT: This research aims to study the contribution of Maria do Ceu Pereira Fernandes press in North Rio Grande, in the 1930s. This contribution identified through his writings in the newspaper The Galvanópolis. Justify the choice of the 1930s because it is during this period that we find traces of their activity. Our sources historical records found in books and newspapers of the time, among which we highlight the complete collection of The Galvanópolis. On condition that the director of the newspaper, she notices movement in the city, writes about issues that are on the agenda and promotes the education and training of the opinion of its readers. Through their writing practices is possible to show the contemporary marks a time, and bring to light the history of female participation in the Brazilian press.

Keywords: Women journalists. Writing practices. Press. Rio Grande do Norte.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa histórica se revela como um campo fértil na investigação do cotidiano, trazendo contribuições fundamentais para a reflexão e compreensão de questões contemporâneas. Portanto, entendendo que a construção da história é uma atividade que envolve diversas relações, buscamos, então, olhar para o passado sem esquecer o presente, uma vez que ele disponibilizará os resultados concretos da atuação de Maria do Céu Pereira na imprensa norte-rio-grandense. Da sua escrita, no jornal O Galvanópolis, é permitido entender, de maneira particular, uma problemática mais ampla, que, em condições mais específicas, podem ser tão valiosas quanto às análises realizadas nos estudos das grandes abordagens (CHARTIER, 1994).

Nessa perspectiva, situamos este estudo que, diferente das análises históricas tradicionais, possibilitou entender como objeto de pesquisa as representações e práticas de escritas de Maria do Céu Pereira Fernandes. Dessa forma, o contato com seus escritos reafirma a preocupação em desvelar e interpretar as crenças, os valores, as atitudes que expressam em representações e práticas culturais de uma determinada sociedade.

Esta concepção de fazer história abriu caminho para a construção deste objeto de estudo, evidenciando o desejo de registrar as práticas de escrita de Maria do Céu Pereira Fernandes e revelar as configurações de uma sociedade, particularmente a curraisnovense, na década de 1930.

O que analisamos são práticas enquanto representações. Caminhamos ao encontro das ações, práticas e maneiras de fazer de Maria de Céu. Práticas essas que buscamos, por meio de diversas fontes e em diversos lugares, desejosos em elucidar, em parte, a sociedade e o perfil de Maria do Céu e os movimentos da sociedade curraisnovense.

O conceito de representação seria, a partir do pensamento de Chartier (1990), compreender e decifrar a realidade do passado por meio das suas representações. Os escritos de Maria do Céu Pereira registrados no jornal O Galvanópolis representam as maneiras de agir, pensar e sentir no interior dos conflitos e tensões da vida cotidiana do meio social de sua época. Permitem, portanto, interpretações de experiências e práticas de homens e mulheres que particularizam aquela sociedade.

A partir deste enfoque, utilizamos como fonte de pesquisa os registros históricos encontrados nos jornais da época, livros, Leis, Decretos, depoimentos e fotografias. Destacamos a coleção completa do jornal O Galvanópolis (1931-1932).

As categorias que aparecem neste estudo surgem do cruzamento, do encontro e da leitura das fontes pesquisadas, bem como do diálogo com os textos de historiadores sobre o período analisado. Dessa forma, podemos delimitar e recortar os temas predominantes nas fontes. Para tanto, temos o trabalho de escansão.

Para apreender o todo, o real, que, é bom que se lembre, já nos é dado em pedaços, seja pela seleção feita pelo próprio passado, seja pela nossa capacidade de apreensão e pela nossa subjetividade, é preciso fragmentá-lo ainda mais através de um metódico e consciente trabalho de pensamento (LOPES, 1994, p. 20).

Dessa operação é que surgem as categorias. Categorizar, explica a pesquisadora, é a tarefa de organizar o material coletado, a partir de perguntas, para dar inteligibilidade ao problema posto. Ela lembra que as categorias históricas têm, pois, uma especificidade: servem a problemas e a pesquisadores específicos, em realidades e tempos sociais determinados. O objeto escolhido, sua problematização, a escansão feita desse problema, as fontes escolhidas e os documentos coletados e a clareza da inserção social e cultural do pesquisador oferecerão as categorias históricas.

No trabalho de escrever a história, passa-se de categorias mais gerais a categorias melhor elaboradas, em um vai e vem contínuo entre os dados e as categorias — e o conhecimento já produzido — que é o que dá sentido ao trabalho do historiador.

As categorias históricas surgem assim, desse reagrupar e desagrupar, tendo a humildade como técnica para que a coisa não escape inteiramente. Trata-se de um movimento articulado e essas categorias serão a mediação entre o conhecimento já produzido, as fontes que o historiador produziu e a recorreu durante seu trabalho de investigação e o conhecimento a ser produzido.

A elaboração das categorias históricas, apresentadas neste trabalho partem da leitura dos textos produzidos por Maria do Céu no jornal *O Galvanópolis*. Identificamos sua preocupação em discutir categorias como: religiosidade, patriotismo, civismo, moral, condição da mulher, progresso e cultura letrada.

A categoria religiosidade aparece em quinze textos produzidos por Maria do Céu. Um dos elementos da cultura brasileira e, em especial, a nordestina, é a tradição católica. Maria do Céu defendia a tradição católica como sendo além de uma manifestação religiosa, um símbolo de identidade cultural concebido através das preces, das graças alcançadas e das promessas cumpridas.

A categoria patriotismo aparece em onze textos escritos pela jornalista. Maria do Céu e revela a latente necessidade de valorizar a nossa pátria, e construir um Brasil novo, destituído do caráter de dependência.

Compartilhando até determinado ponto em relação aos ideais de seu tempo, sobretudo a conduta moral cristã, Maria do Céu Pereira procura promover práticas que elevassem a moral e os bons costumes, através da orientação em relação às atitudes consideradas adequadas à mulher do interior, católica, filha, mãe e esposa. Identificamos, portanto, a categoria condição da mulher. Tal categoria foi identificada em seis textos.

A categoria cultura letrada, encontrada em três escritos, surge dos textos que revelam exaltação às letras. Busca orientar e aconselhar seus leitores sobre a importância da prática de leitura dos bons livros, indispensáveis para a formação intelectual e moral.

As categorias civismo e moral aparecem em quatro e cinco textos, respectivamente. A categoria progresso foi identificada em cinco artigos.

Vinculamos, então, o nome de Maria do Céu à estrutura das relações que permeiam o seu contexto social, levando em consideração as mudanças pelas quais passava a sociedade seridoense naquele período histórico. Justificamos a escolha da década de 1930 porque é nesse período que encontramos vestígios de sua atuação.

■ 2. MARIA DO CÉU PEREIRA FERNANDES

Morena, olhos vivos, irrequieta, bonita para os meus olhos. Sensível, de emoção fácil, inteligência incomum. Uma mulher em tom sustentado. Conflitava de certo modo, com o comportamento das moças do seu tempo, submetidas a uma severa disciplina doméstica, imposta pela Igreja. Lia muito, ainda que livros censurados pelos preconceitos do tempo (PORTO, 11/11/1990, p. 19).

Esta é a representação de Maria do Céu Pereira Fernandes, através do olhar do jurista e professor Mário Moacyr Porto. “Tenho sobradas razões para admirá-la. Poucos meses depois de me formar em Direito, em Recife, com 21 anos incompletos, fui nomeado, em 1933, Promotor Público de Currais Novos, terra de Maria do Céu”, escreveu o jurista ao Jornal Tribuna do Norte, de 11 de novembro de 1990, em homenagem aos 80 anos de Maria do Céu. Pertencente à família Pereira, ela nasceu no dia 06 de novembro de 1910, em Currais Novos, Rio Grande do Norte. Era filha de Olindina Cortez Pereira de Araújo e do comerciante Vivaldo Pereira de Araújo.

Maria do Céu Pereira teve dezesseis irmãos: Stela Pereira, Letícia, Gisélia, Eunice, Armando, José Cortez, Vivaldo Pereira Filho, Aluísio, Maria de Lourdes, Fernando, Paula Francinete, Margarida, Tarcísio, Benvenuto, Martha e Ana Maria. Os dez últimos foram frutos do segundo casamento de seu pai com Rita Pereira de Araújo. Sua mãe, Olindina Cortez Pereira de Araújo, faleceu no dia 27 de novembro de 1924. Na época, Maria do Céu tinha 14 anos. Foi a primeira de todos. Em fevereiro de 1997, quando a pesquisadora Marta Maria de Araújo esteve na residência de verão do seu filho Paulo de Tarso, na praia de Caraúbas, Maria do Céu disse que como era a mais velha cuidava de tudo, ajudando sua mãe. Lembrou, ainda, que na casa de seus pais não havia espaço para a ociosidade e que todos tinham tarefas a cumprir.

Fez o curso primário em Currais Novos, estudou com professores particulares, promotores, juízes, médicos. Lia tudo: o que era e o que não era permitido. O prazer pelo estudo e pela leitura sempre foram uma constante no seio familiar. Maria do Céu lembra que seu pai foi o grande exemplo e incentivador para os estudos.

Eu lia muito com papai lá em casa, depois dos nossos jantares à mesa. Quem lia era eu e em voz alta. Os meus irmãos menores acabavam adormecendo na mesa do jantar. Quando solteira, li as obras de Freud. Foi papai quem comprou para mim. Li porque meu desejo era a psiquiatria. Era o que eu pensava e o que eu queria, mas não deu certo (FERNANDES, 1997).

Do curso primário realizado no Grupo Escolar Capitão Mor Galvão, teve aulas com o professor e juiz Gilberto Pinheiro. O Grupo Escolar é considerado pioneiro na educação graduada e mista no município de Currais Novos.

Motivada pelo pai — um participante ativo na política local e nos movimentos religiosos e literários — Maria do Céu, em 1924, aos 14 anos, vai para Natal cursar o secundário no Colégio da Imaculada Conceição. No educandário, dirigido pelas irmãs Dorotéias, aprendeu além do inglês, o italiano e o francês.

Após concluir, em 1928, o Curso Técnico do Comércio (diploma de Perito Contadora), — embora desejasse cursar faculdade de Medicina — Maria do Céu, agora com 18 anos, retorna a Currais Novos e vai lecionar no Ginásio particular Coronel José Bezerra. Paralelamente à sua prática educacional de professora, Maria do Céu Pereira dirigiu e fundou (com seu pai e Tristão de Barros, amigo de seu pai) *O Galvanópolis* (1931-1932) jornal que teve vida breve, mas relevante para o momento histórico. Embora fosse um órgão oficial do Currais Novos Futebol Clube (C.N.F.C.), o jornal acabou configurando-se como um dispositivo discursivo permeado de representações que adornaram o quadro cultural, político, econômico e social da cidade:

Realçando os valores da nossa terra, cultuando as suas tradições gloriosas, seremos uma sentinela vigilante a pugnar com o maior denodo e altivez pelos seus interesses vitais. É o que prometemos e esperamos realizar (POR QUE NÃO RECUSEI, 1931, p. 1).

A confiança depositada pela população local, principalmente dos que fizeram parte do Currais Novos Futebol Clube, nos revela uma Maria do Céu como figura de destaque na sociedade.

Na minha infância, recordo de Maria do Céu como uma figura que se destacava em Currais Novos, possivelmente por influência do pai, grande liderança na comunidade. Uma jovem que, começando como estudante em Natal, acredito eu, vinha passar as férias em Currais Novos e participava dos movimentos sociais e dramatizações (BARROS, 2009).

No programa *Memória Viva*, da Televisão Universitária de Natal, gravado em 1983, ocasião em que a entrevistada foi Maria do Céu Pereira, Alvamar recorda a primeira vez em que a viu:

Ainda estudante do ginásio do colégio Ateneu, fiz uma excursão à cidade de Caicó que terminou em Currais Novos. Na ocasião, fui destacado para realizar um discurso na praça da cidade. Era uma festividade, teve inclusive apresentação teatral. Após a minha fala, aparece-me uma jovem elegante que agradeceu em nome de Currais Novos. Fez um discurso belíssimo. Saí glorificado. Era dotada de grande inteligência e intelectualidade. Pude perceber, naquele momento, seu espírito de liderança (FURTADO, 1983).

Nessa mesma entrevista, Maria do Céu fala de si:

Sempre fui ativa. Soube tirar proveito da província (Currais Novos). Quando jovem fiz teatro na cidade. Fazia teatro, viu! Cheguei a formar um corpo de baile. Criava para as meninas que me cercavam. Desenhava as roupas. Fiz roupas esvoaçantes, fazia as posições, a luz, a cor. Usava papel de seda colorido. Fazia um jornal e trabalhava com papai (FERNANDES, 1983).

Tal participação na comunidade, articulada com seu espírito de liderança, parecem ter sido decisivos e relevantes para seu ingresso na vida política. O convite foi efetuado por José Augusto de Medeiros, Juvenal Lamartine e por outros políticos do Seridó, entre eles João Medeiros, de Jardim do Seridó:

Todos eles tinham a indicação do meu nome. Até Dinarte Mariz opinou. Ele era também do Partido Popular. Fui perguntar ao papai o que ele achava. Ele disse: eu acho que você deve aceitar. Aí eu aceitei. Meu namorado, na época, Aristófanês Fernandes, ainda não era casado com ele, também aceitou muito bem. Ele já era político e se entusiasmou. Já morava em Natal e estava começando seu comércio (FERNANDES, 1983).

Quando Maria do Céu casou a 22 de agosto de 1935 com Aristófanês Fernandes, já era, então, deputada estadual. O casamento aconteceu em uma fazenda de Santana do Matos, município do Rio Grande do Norte. O marido que pertencia ao mesmo Partido, o Partido Popular, foi prefeito de Santana do Matos, em 1948, e deputado estadual em duas legislaturas: 1954 e 1958. Em 1962, candidatou-se a deputado federal e elegeu-se, mas não concluiu o mandato, tendo morrido no Rio de Janeiro, após uma operação de úlcera perfurada no duodeno em 1965.

Maria do Céu abraçou a causa defendida pelo Partido Popular, tendo que enfrentar, com isso, duras repressões que fizeram história àquela campanha eleitoral. Nesse período, Maria do Céu Pereira Fernandes, juntamente com outros nomes do Partido Popular a exemplo de Aldo Fernandes Raposo de Melo, Dioclécio Dantas Duarte, João Severiano da Câmara e José Augusto Varela, presenciou uma época de violência e assassinatos políticos, mas onde prevaleceu um forte ideal político.

O resultado final das eleições no Estado é anunciado no dia 16 de outubro de 1935. O Tribunal Superior Eleitoral divulga a vitória do Partido Popular, que elege 14 deputados estaduais contra 11 da Aliança Social. Maria do Céu obteve 12.058 (doze mil e cinquenta e oito) votos. Torna-se, então, a primeira deputada estadual do Brasil, no Rio Grande do Norte. Nessa eleição, ainda, saem vitoriosos três deputados federais do Partido Popular e dois da Aliança Social. Ainda neste mesmo dia, fica decidida a convocação para a instalação da Assembleia Constituinte para o dia 19 de outubro e o pleito do primeiro governador constitucional do Estado para o dia 29 de outubro de 1935. Vence Rafael Fernandes, pelo Partido Popular.

Maria do Céu pertenceu à Primeira Assembleia Constituinte. Em 1937, foi cassada pelo Estado Novo. Embora o período de imensa sublevação tenha ocorrido, principal-

mente, nas campanhas eleitorais, de acordo com Barreto (2003), Maria do Céu, durante seu mandato legislativo, foi várias vezes ameaçada de sequestro e tinha soldados guardando sua casa.

Mesmo com estas ameaças, era respeitada até pelos colegas de outros partidos. Entre eles, Gil Soares, Raimundo Macedo e José Tavares. Seu primeiro pronunciamento foi a inclusão do nome de Deus na Constituição. Foi seu projeto a elevação de São Miguel à categoria de cidade. Com uma atuação política intensa, ela contou inclusive com o apoio dos opositores na elaboração de seus projetos de Lei:

Ah! meus projetinhos, eu já nem sei quando... contava até com os opositores, os do Partido Social (de Café Filho). Tinha muita coisa relativa assim aos mais necessitados, aos mais carentes e à religião também. O governo era nosso, sancionava todos os projetos. É que éramos maioria. Éramos quatorze contra onze (FERNANDES, 1997).

Maria do Céu encerrou seu mandato, após sua cassação, em 1937, com o golpe do Estado Novo. Deixa, então, a vida pública para se dedicar à família. Em 1960, passa a residir no Rio de Janeiro, somente voltando para Natal após a morte de seu marido Aristófanes Fernandes, em 1965. Faleceu em 2001, no Rio de Janeiro, aos 90 anos. Por ocasião do seu falecimento, o então governador do Estado, Garibaldi Alves, decreta luto oficial de três dias. Segundo Azevedo (2005, p.3), “Maria do Céu Fernandes entrou para a história não só por abrir as portas do legislativo para as mulheres, mas também ter sido na visão de muitos historiadores, como a melhor oradora do seu tempo de atuação parlamentar”.

O texto do Decreto nº 15.440, de 10 de maio de 2001, evidencia sua contribuição enquanto precursora da participação da mulher na vida pública nacional e reafirma sua presença marcante e de elevada significação humana e intelectual no contexto político e social do Estado.

Em 2002, o Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, deputado Álvaro Dias, através da Resolução nº 0037, denomina o Espaço Cultural da Assembleia Legislativa, Maria do Céu Fernandes. Dois anos depois, o deputado Robinson Faria, na condição de Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, dispõe, através da Resolução nº 0029/2004, sobre a criação da Medalha do Mérito Social *Maria do Céu Fernandes*.

■ 3. O GALVANÓPOLIS: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

O advento e o transcorrer da chamada Primeira República (1889-1930) trouxeram uma imprensa que se diversificava. A política mantinha seu espaço, mas o crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícia, fosse aquele bordão republicano “O Brasil Civiliza-se” ou as diferentes práticas culturais de uma sociedade

em busca do progresso. Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, emergiam jornais de diversas facetas: periódicos noticiosos, literários, oficiais, comerciais, agrícolas, religiosos, esportivos e assim por diante. Seguindo a tendência nacional, no Rio Grande do Norte, em Currais Novos, surge O Galvanópolis:

Na alegria matinal desta radiante manhã impregnada da benéfica unção religiosa que lhe imprime o grandioso acontecimento que a cristandade cultua, esvoaçam as primeiras folhas desse novo periódico. O ideal dos que dirigem O Galvanópolis, tendo como guia o espírito fulgurante e belo de Maria do Céu, é o engrandecimento desta pequena, mas generosa e boa terra. (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

Em seu texto, intitulado *Porque não recusei*, publicado no 1º número do jornal, em 30 de março de 1931, na primeira página, Maria do Céu apresenta aos seus leitores os motivos pelos quais resolve aceitar a direção do jornal:

A bondade do povo de minha terra deu-me idoneidade para o honroso encargo que me quis confiar; viu-me asseosa para desempenhá-lo; criou em mim uma personalidade que está muito além do meu valor intrínseco, sob o nome de dever, combateu com a minha imperícia e venceu. Que me resta fazer? Aceitar a incumbência? Fi-lo. Ao povo do Galvanópolis, sobretudo aos que constituem o C. N. F. C., agradeço, do íntimo da alma o modo fidalgo com que me distinguiu, a bondade que será incentivo para a realização deste grande empreendimento.

O nome dado ao jornal representa o conflito de identidade que conduzia a realidade da população. Uma cidade moderna não poderia ser reconhecida por um nome que associasse ao imaginário rural, no caso Currais Novos.

Currais Novos, ou antes Galvanópolis, que é nome que melhor se adapta à nossa aprazível cidade, já pela sua beleza estética, já pelo cunho estético de civismo e reconhecimento que encerra, é um dos recantos do Seridó que mais acentuadamente ter recebido as auras vivificantes do progresso nas suas múltiplas e variadas emanações (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

Por esse motivo, acatando uma sugestão de um dos fundadores da imprensa currais-novense, Ulisses Telêmaco de Araújo Galvão, alguns intelectuais defendiam a ideia de que a cidade deveria ser chamada de Galvanópolis, uma alusão à família Galvão, responsável pelo povoamento do local. Contudo, o esforço desses intelectuais não surtiu efeito. O município continuou denominado de Currais Novos, mas como forma de compensação resolveram batizar um dos seus jornais com o nome *O Galvanópolis*, em respeito aos seus ideais.

De acordo com Melo (1987), o jornal era dedicado à literatura, desportos e notícias. Em seu primeiro ano, circulava quinzenalmente e com quatro páginas. A partir da edição número dois, do segundo ano, ele passou a ser mensal e dobrou o número de páginas. Cobrava por assinatura anual seis mil-réis (6\$000), semestral quatro mil-réis (4\$000) e número avulso setecentos réis (\$700). Circulou de 30 de março de 1931 a 15 de novembro de 1932, publicando ao todo quarenta e três números.

Surgia, então, o periódico, de quatro páginas, com três colunas em cada uma delas. Quase não apresenta seções fixas nem obedece a uma diagramação rígida. Porém, já existe alguma preocupação com o discurso gráfico, tendo em vista a variação e o tamanho do corpo (letra) em uma mesma página e a disposição dos textos em busca de equilíbrio visual.

A primeira página de *O Galvanópolis* permaneceu inalterada até a vigésima quarta edição, estando na parte superior da revista, a data de publicação, o número da edição, sua periodicidade e o nome da diretora do jornal: Maria do Céu Pereira. Logo abaixo, um cabeçalho para identificação formado pelo título em maiúsculas arredondadas; seguido do subtítulo *Orgão Oficial do Currais Novos F.C.* A partir do segundo ano em diante, substituiu o subtítulo por *Órgão Independente*.

O jornal tinha colaboradores diversos. Ainda, na primeira página encontro poesias de autoria de Sinhá Coelho e Manoel Rodrigues de Melo. Esses sonetos de abertura disputavam espaço com o editorial e artigos. Escreveram para o jornal: Everton Cortez, Oton Filho, Tristão de Barros, Mário Domingues, Vicente Lima entre outros. Alguns deles utilizavam o uso de pseudônimos. Foi o que aconteceu com os colaboradores de *O Galvanópolis*. A exemplo de Manoel Rodrigues de Melo, cujos pseudônimos eram Rodrigues Filho e Juvenal Galeza, Everton Cortez, que usava G. Nerino e Tristão de Barros, com os pseudônimos Tob Jim e Cleto Jatobá. Maria do Céu Pereira, entretanto, não adota tal recurso e sempre assina seus textos com seu próprio nome.

Os escritos de Maria do Céu Pereira registrados no jornal permitem ver as marcas de um determinado tempo condicionado às transformações que a sociedade brasileira vivia naquele momento histórico. Nos seus textos, registrados quase sempre na primeira página do jornal, identificamos sua preocupação em discutir o progresso da nação, a religiosidade, a condição feminina e a educação.

Sob a forte influência da efervescência dos jornais, *O Galvanópolis* deveria contar uma história de progresso e desenvolvimento, com a difícil missão de convencer a população da urgência na substituição dos antigos hábitos por outros, considerados mais civilizados. No primeiro número do jornal que circulou em 30 de março de 1931, a diretora Maria do Céu revela aos seus conterrâneos a alegria do grandioso acontecimento representado pelas primeiras folhas desse novo periódico:

Elas vêm com a singeleza e a timidez de quem ausculta ambientes desconhecidos, a reclamar guarida no seio dessa boa e generosa gente para uma estação a mais duradoura possível. Elas estão despojadas de reclamos relumbantes e de apresentações pomposas. Visam é cooperar com todo o ardor, com todo o entusiasmo pelo engrandecimento geral da nossa terra e exaltar os méritos e o valor inconfundíveis da nossa gente. O nosso povo, já por um sentimento atávico, já impulsionado pela invasão irresistível das inovações sublimes que nos apresenta esse decantado século XX, é arrebatado pelos mesmos frêmitos de amor aos nobres ideais que se concretizam em outras terras (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

E complementa:

Estamos sendo animados por uma partícula dessa luz encantadora que acende nos nossos dias a flâmula brilhante de uma civilização sem símile em tempo algum. As letras e esporte são cuidados com desvelo e carinho para a consubstanciação do brocado: “cultive um espírito são num corpo são. Está aí um alevantado ideal que merece ser preconizado! (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

Este editorial de lançamento do jornal nos revela o comprometimento do jornal: seria com as letras e o esporte. No que se refere às letras, identificamos nos textos produzidos no *Galvanópolis* a prosa ou poesia. Crônicas, ensaios, notas, contos, colunas, entrevistas, editorial, ocupam mais da metade do espaço do jornal; enquanto a poesia, ficou em segundo plano. Quanto ao esporte, a temática merece lugar de destaque no periódico, sempre publicado na última página registrando os movimentos esportivos realizados na cidade de Currais Novos, a exemplo dos campeonatos de futebol que aconteciam regularmente tendo o time do município como ator principal.

Os jogos entre os clubes da região dinamizavam as tardes de domingo em Currais Novos e sinalizavam o desejo de despertar nos jovens o culto ao corpo, através da prática de atividades físicas, particularmente o futebol. Na abertura do texto em que aparece a entrevista com o presidente do Currais Novos Futebol Clube, Maria do Céu transmite aos seus leitores a importância dos exercícios físicos:

Todos os povos civilizados exigem, como uma condição precípua para evitar o depauperamento físico da raça, a prática regular dos esportes. É louvável, portanto, o arroubamento que nos anime e o entusiasmo com que cultivamos esses salutareos exercícios (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 4).

Além da temática esporte, pauta recorrente no jornal, outro assunto disputava espaço em suas páginas: a terrível crise climática, que ora atravessava o município e suas consequências. Dentre os males que afligem a zona sertaneja, avultam, sem dúvida, as secas que, periodicamente infestam os estados do Nordeste. O sertanejo, embora despreparado, mas sempre forte, suportou o embate do tempo contra todas as intempéries das estações e escassez da época.

Terminou o ano de 1929, veio 1930, radiante das mais lisonjeiras esperanças frustradas por uma seca que consumiu todas as reservas acumuladas no ano anterior. Entrou 1931 e já lá se foram três meses sem que uma medida salutar viesse sanar ou, pelo menos, atenuar tal estado das coisas. Ao nosso ver, estradas possuímos com bastante suficiência, embora não comparáveis às do Sul, achando mesmo mais acertada a construção de reservatórios de água (açudes) que reguem os nossos campos e facilitem a vida nos tempos daquelas calamidades (OTON FILHO, 1931, p.1).

Embora os fatos e comentários, que recheavam as páginas do jornal, fossem, em sua maioria, relacionadas às notícias de caráter próximos à realidade da região, em *O Galvanópolis* havia espaço para os acontecimentos que eclodiam na capital do País.

No intuito de ampliar os nossos serviços jornalísticos, acabamos de contratar no Rio de Janeiro a remessa quinzenal de reportagens, correspondências e notícias, de interesse geral. Brevemente iniciaremos a publicação desses comunicados, o que patenteia os esforços da direção de *O Galvanópolis*, no sentido de torná-lo cada vez mais atraente e noticioso. Com a inauguração desses serviços, desejamos apenas corresponder à preferência com que nos têm distinguido os nossos inúmeros leitores, não só desta cidade, como dos municípios vizinhos (FERNANDES, 30 mar. 1931, p. 4).

A partir da edição de 30 de agosto de 1931, os leitores do periódico passam a ser agraciados com notícias e reportagens oriundas do Rio de Janeiro. A exemplo da inauguração da estátua do Cristo Redentor, no dia 12 de outubro de 1931, no Rio de Janeiro; da reunião do Congresso Feminino, em setembro do mesmo ano e na mesma cidade, cuja discussão girava em torno do voto feminino; da exposição de cabeçalhos de jornais que aconteceu, no dia 16 de janeiro de 1932, durante a Quinzena do Livro Nacional, uma iniciativa da Cooperativa Editora e de Cultura Intelectual de São Paulo ou ainda sobre o lançamento, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1932, de uma revista ilustrada de arte, literatura e interesses gerais da mulher sob o título *Brasil Feminino*, dirigida e fundada pela escritora carioca Iveta Ribeiro.

Os esforços dispensados pela equipe do jornal em seu primeiro ano de vida parecem ter sido satisfatórios. No entanto, para eles ainda falta muito para atingirem as metas que se propuseram chegar. No aniversário de primeiro ano do jornal, Maria do Céu Pereira, ciente de sua responsabilidade, enquanto diretora do periódico, agradece a todos que contribuíram com o sucesso de *O Galvanópolis*:

Graças à bondade de que têm dado provas inconcussas os nossos assinantes, graças à cooperação assídua de quantos conosco trabalham, graças ainda à valiosa perseverança dos nossos colaboradores que sempre nos prestigiaram com seu apoio, que se dignaram iluminar as páginas simples do nosso humilde jornalzinho com o fulgor da sua inteligência, vencemos o primeiro ano (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 1).

Colaboradores do jornal também afirmam a vitória do empreendimento. Ewerton Cortês, em seu artigo intitulado *A minha contribuição*, publicado em 30 de março de 1932, ressalta que o aniversário do jornal é um dia de justas satisfações, não somente para a imprensa, mas para a cidade de Currais Novos, uma vez que a imprensa vive do povo para o povo, isto é, quando ela está inteiramente na sua missão de servir à coletividade:

A nossa imprensa sempre tem sabido corresponder a sua bela finalidade. E com desenvoltura e interesse. Com estoicismo e dedicação. Para corroborar essa afirmativa estão aí as páginas de *O Galvanópolis*, o jornalzinho simpático e elegante onde Maria do Céu guarda com todo carinho e desvelo o melhor da sua inteligência e do seu coração de bondade (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 2).

O colaborador reconhece, ainda, que apesar de ter sido um ano de luta, de sacrifícios e de canseiras de todas as matizes, ele representa um ano de vitórias, de com-

pletos triunfos. Tais vitórias redundam em contentamentos, em plenas satisfações que apagam todas as contrariedades e animam novos combates. Deseja, por fim, a continuidade do jornal:

E O Galvanópolis, airoosamente continuará sem interrupção a ser o farol donde rebrilhará com eloquência a mentalidade sadia, forte, decisiva de nossa mocidade sempre vibrante, sempre entusiasta para os superiores empreendimentos. Que sempre vença, são os meus prognósticos, é o meu anseio (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 2).

Iniciam-se, então, novos desafios e as mudanças surgem. A partir da edição número dois, de 30 de abril de 1932, o jornal passa por algumas transformações:

Por motivos diversos a publicação de O Galvanópolis será feita doravante mensalmente, obedecendo, porém, a um programa mais variado que será distribuído em oito páginas. Outrossim: o jornalzinho terá caráter independente. Circunstâncias fortuitas determinaram a retirada do Órgão Oficial do Currais Novos Futebol Clube, entretanto jamais será retirada nossa solidariedade ao que concerne à prática dos esportes em nossa terra. O Currais Novos Futebol Clube terá sempre nosso apoio e pronta adesão (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 5).

Nessa nova fase do jornal, aparecem os anúncios. Apesar de tímidos, os seus registros representam uma inovação no cenário da imprensa brasileira, visto que uma das bases indispensáveis à sustentação da empresa jornalística ergueu-se, sobretudo, com a adoção sistemática da propaganda e publicidade. Nesses anúncios, palavras de conforto, moderna, elegante, enfatizam e revelam aspectos de renovação proposto pela modernidade:

Executam-se com perfeição e a preços módicos sob figurinos modernos: vestidos, tailleurs, manteaux, enxovais para noivas etc. Aceitam-se encomendas pelo correio para o interior do país. Pede-se dizer as medidas do corpo e as cores preferidas. Cartas a O VESTIDO ELEGANTE, rua do Catete, 33 A. 1 andar, sala 1, telefone 5-2382, Rio de Janeiro. Responde-se imediatamente enviando-se o orçamento (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 abr. 1932, p. 6).

No entanto, nem os anúncios e as assinaturas do jornal foram suficientes para mantê-lo circulando. Os anúncios não eram muitos e com o passar do tempo alguns assinantes deixaram de pagar pelo periódico. Nas edições publicadas nos dias 7 de setembro e 2 de outubro de 1932, são veiculadas notas oriundas da gerência do jornal que solicita encarecidamente aos assinantes em atraso, o obséquio de saldarem os seus débitos. Diante da dificuldade, *O Galvanópolis* deixa de circular no mês de dezembro daquele ano. Uma nota da redação avisa aos leitores e colaboradores sobre a interrupção:

Avisamos aos nossos prezados amigos colaboradores e assinantes que, por justos motivos, vamos suspender temporariamente a publicação de O Galvanópolis. Agradecemos a todos que nos acolheram sempre benevolentes e esperamos que a nossa volta, encontraremos os mesmos corações benignos para nos receber (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 15 nov. 1932, p. 6).

Infelizmente, o jornal não voltou a circular. A última edição foi publicada no dia 15 de novembro de 1932. Além das dificuldades relativas aos poucos anúncios e dos atrasos no pagamento das assinaturas, identificados na leitura dos jornais, Barros e Santos (2005) afirmam que o jornal deixou de circular também porque Maria do Céu deixou a cidade de Currais Novos para residir em Natal, passando a se dedicar à campanha política.

REFERÊNCIAS

A MINHA CONTRIBUIÇÃO. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 2, 30 mar. 1932.

AZEVEDO, Juliska. Poder Legislativo completa 170 anos. **Diário de Natal**. Natal, p. 3, 20 fev. 2005.

BARRETO, Anna Maria Cascudo. **Mulheres especiais**. São Paulo: Global, 2003.

BARROS, Genivaldo. Sobre Maria do Céu Pereira Fernandes. Entrevista concedida à Isabel Cristine Machado de Carvalho. Natal, 08 set 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1994.

FERNANDES, Maria do Céu Pereira. Entrevista concedida a Carlos Lyra, Alvarado Furtado e Ticiano Duarte. **Programa Memória Viva**. Natal: Televisão Universitária de Natal, 1983. 1 DVD (61' 05"), Son., color.

_____. Entrevista concedida à professora Marta Maria de Araújo. Natal, 01 fev 1997. (Os direitos de utilizar trechos da entrevista foram cedidos pela referida professora).

FERNANDES, Maria do Céu Pereira. Comunismo. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 1, 07 fev. 1932.

_____. O atestado da religiosidade brasileira. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p.1, 11 out. 1931.

_____. Onde está nosso campo de atividade. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 1, 22 nov. 1931.

_____. Livros. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 1, 30 ago. 1931.

_____. Porque não recusei. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1931.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Pensar categorias em história da educação e gênero. In: **Projeto história**. São Paulo, n. 11, nov. 1994. p. 19-29.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa do Rio Grande do Norte (1909-1987)**. Natal: Fundação José Augusto, 1987.

O Galvanópolis. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1931.

_____. Currais Novos, p.4, 30 mar. 1931.

_____. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1932.

_____. Currais Novos, p.5, 30 mar. 1932.

_____. Currais Novos, p.6, 30 abr. 1932.

_____. Currais Novos, p.6, 15 nov. 1932.

OTON FILHO. Ponto de vista. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 1, 14 abri. 1931.

PORTO, Mário Moacyr. Maria do Céu. **Tribuna do Norte**. Natal, p. 19, 11 nov. 1990.

RIO GRANDE DO NORTE. **Diário Oficial do Estado**. Decreto nº 15.440, de 10 de maio de 2001. 11 maio. 2001. p. 01.

RIO GRANDE DO NORTE. **Diário Oficial do Estado**. Resolução nº 0037/2002. 17 dez. 2002. p. 18.

RIO GRANDE DO NORTE. **Diário Oficial do Estado**. Resolução nº 0029/2004. 16 nov. 2004. p. 15.